

10608 - As relações de gênero nos/entre os grupos Sabor do Cerrado (GSC) e Vida e Preservação (GVP), no Assentamento Colônia I, Goiás

Gender relations in / between groups Sabor do Cerrado (GSC) and Vida e Preservação (GVP), on Settlement Colony I, Goiás

CAMBOIM, Iorrana

Universidade de Brasília, iorranalis@gmail.com

Resumo: A pesquisa tem como objetivo a identificação e análise das relações de gênero que se estabelecem nos/entre os grupos Sabor do Cerrado (GSC) -de culinária -, e Vida e Preservação (GVP) - de produção de orgânicos -, formados por moradores/as do Assentamento, numa tentativa de avaliar quais os papéis das mulheres e dos homens relativos à produção, venda e remuneração, no que tange às atividades dos grupos, dando especial atenção a como se dá a divisão sexual do trabalho e a quais são as alternativas criadas pelas mulheres no que concerne à sua participação - considerando tanto o espaço reprodutivo e produtivo quanto o político.

Palavras-chave: Mulheres rurais; Assentamento Colônia I; Sustentabilidade; Agroecologia; Alimentos do Cerrado

Abstract: *The present research aims to identify and analyze gender relations in / between groups Sabor do Cerrado (GSC) – cooking group –and Vida e Preservação (GVP) - group of organic production -, formed by settlers, an attempt to assess which roles women and men play on the production, sale and payment, regarding the groups' activities, paying special attention to the sexual division of labor and which alternatives are created by women regarding their participation - considering both reproductive and productive space and the political one.*

Key words: Rural women; Settlement Colony I , Sustainability, Agroecology.

Introdução

Esta pesquisa privilegiou assentados/as envolvidos/as nos GSC e GVP, correspondentes a 11¹ famílias das 24 participantes da Associação dos Produtores do Projeto Colônia I, sendo que o contato, no período 2010-2011, foi estabelecido prioritariamente com as famílias que têm membros nos dois grupos e estão produzindo atualmente para manter quatro pontos de comercialização.

Cabe salientar que a noção de *família* aqui utilizada aproxima-se da definição de Siliprandi (2002), delas não enquanto monolíticas, harmônicas e em equilíbrio, havendo em lugar disso uma série de “fatores (inclusive laços afetivos) que fazem com que as pessoas colaborem dentro da família, mas há também forças que levam a que as pessoas exercitem competições entre si – e tudo isso é permeado por relações de poder, que foram construídas material e historicamente”.

Nesse sentido, a intenção é de evitar qualquer visão “enviesada” que não permita a percepção das mudanças que ocorrem na situação econômica e social do mundo rural,

¹ O GSC era composto por 12 integrantes e atualmente é composto por 11 mulheres, visto que uma integrante saiu por motivo de doença, recentemente.

bem como “nos desejos e nas necessidades das próprias mulheres”, considerando que a situação de desigualdade de gênero faz parte da sociedade mais ampla e que “para buscar a realização de um trabalho de verdadeira comunicação, e uma ação dialógica com os sujeitos dos processos sociais de mudança [...] é preciso enfrentar e desconstruir esses preconceitos” (SILIPRANDI, 2002) inclusive dentro de instituições e entre técnicos/as, pessoas envolvidas com a extensão rural, pesquisadores/as, etc.

Segundo Jacintho (2007), a implementação do assentamento ocorreu em 1996 e foi seguida de um endividamento dos/as agricultores, a partir do financiamento do PROCERA. Em 2000 se deu o primeiro contato entre o assentamento e a universidade, através da participação de João Batista e Márcia Maria Pereira no curso EDUCAMP, os quais passaram a fazer parte da diretoria da Associação. Após a finalização do curso, foi chamada uma reunião na qual as pessoas do assentamento expuseram suas principais dificuldades de produzir na terra e foi estabelecido que a partir de então o contato entre eles/as e a universidade seria mais freqüente e haveria uma mudança no estatuto para que mulheres e jovens passassem a ter direito ao voto e a ser votados/as, situação que promoveu a participação desses/as em reuniões e Assembléias.

O contato com a universidade foi um dos fatores que impulsionou algumas famílias a se organizarem para promoverem a produção coletiva de orgânicos e de outros gêneros alimentícios, como biscoitos e geléias. Em 2002, se iniciou no assentamento a implementação da horta orgânica e do viveiro florestal comunitário, sendo que das 24 famílias, 12 passaram a ter nessa atividade sua fonte de renda. A princípio a produção era feita de modo coletivo e depois passou a acontecer nos lotes individuais, pelas pessoas do GVP, o qual atualmente conta com oito membros efetivos. A compra do veículo, em 2003, para escoar a produção, representou um problema porque freqüentemente quebrava e, dessa forma, grande parte da produção passou a ser direcionada para o seu concerto e para suas parcelas.

O GSC, surgido também a partir das experiências advindas do curso de 2002, teve papel fundamental em face dessa situação. A produção de biscoitos, à época, é considerada por grande parte dos/as entrevistados/as como responsável pela ascensão do grupo (das famílias envolvidas nos GVP e GSC), depois de uma crise advinda da baixa produção do GVP - referentes à sua tentativa de produção comunitária de produtos orgânicos -, somada à dívida advinda do PROCERA e da compra desse veículo.

Metodologia

Além da leitura bibliográfica optou-se por realizar idas a campo e utilizar, como complementação dialógica, entrevistas semi-estruturadas. Na etapa de campo propriamente dita, foram realizadas visitas ao Assentamento em Padre Bernardo, GO e visitas aos pontos de comercialização das famílias de produtores/as orgânicos e de outros produtos como biscoitos e farinhas, realizadas em Brasília-DF. O contato se deu principalmente com participantes do Grupo Vida e Preservação (grupo de produção de alimentos orgânicos) e Grupo Sabor do Cerrado (grupo de culinária). Além disso, foi realizado um acompanhamento da atuação do GSC no curso LEdoC - *no campus* UnB Planaltina. A escolha das pessoas visitadas/entrevistadas, bem como dos locais, foi realizada de uma forma consideravelmente livre, guiada por sucessivas indicações.

Resultados e discussão

Os grupos GSC e GVP têm sido tratados na bibliografia como “das mulheres” (GSC) e “dos homens” (GVP). Essa categorização pode ser feita na medida em que majoritariamente é essa a composição dos grupos, mas cabem algumas ressalvas com relação a ela. O GVP é formado por pessoas que trabalham na produção de orgânicos. Quando a produção era comunitária, de fato o conjunto dessa produção se referia ao que foi produzido pelos homens do grupo, sendo que nessa época era considerável a presença das mulheres, seja na produção, por exemplo, na comercialização e nas “etapas de embalagem” (JACINTHO, 2007), seja em algumas decisões do grupo. Além disso, foi possível perceber que é grande o reconhecimento por parte dos maridos e delas mesmas da sua contribuição enquanto trabalhadoras donas-de-casa. Quando a produção passou a ser realizada nos lotes individuais das famílias, a participação das esposas de certa forma foi aumentada e elas, de forma geral, passaram a trabalhar como suporte na produção dos orgânicos, com algumas tarefas, sendo que algumas esposas, como a entrevistada em 28/04/2011, membro do GSC que tem participação efetiva nas plantações, bem como na comercialização dos produtos, além de presença nas reuniões do GVP². Ainda com relação ao GVP, as entregas a domicílio dos produtos são feitas pelo Wátila e as encomendas são feitas pela Taís, sua esposa. Com relação ao GSC, já houve a participação de um homem enquanto membro efetivo do grupo, José Osvaldo, o qual “cozinhou muito bem” segundo entrevistadas e saiu do grupo por motivo de falecimento. A parte desse caso, existe a participação de homens colaborando na cozinha, por exemplo, em eventos para os quais há uma demanda por pessoas³ além das do grupo. Apesar disso, alguns homens entrevistados, quando questionados acerca do interesse em participar do GSC e de suas atividades ligadas à culinária, demonstram, por vezes, surpresa com a pergunta e alegaram não terem interesse em fazerem tal atividade, tida como tipicamente feminina.

Foi possível perceber que a produção das mulheres é importante geradora de renda para as famílias envolvidas nesses dois grupos e que existe uma situação alternativa às desigualdades de gênero, nos/entre os grupos. Assim como Villas-Boas (2007), acredito que tanto mulheres quanto homens “reconhecem a importância da fundação do grupo” e que “o processo de fundação de um grupo formado só por mulheres foi muito significativo, considerando que [...] muitas não se colocavam diante do coletivo e até mesmo nas apresentações se identificavam como ‘esposa de ...’, antes inclusive de dizerem seus nomes”.

Com, relação à produção os grupos GSC e GVP se diferem nos tipos e frequência de atividades, sendo que seis famílias de pessoas que estão nos dois grupos compartilham o foco na manutenção dos pontos de comercialização e trabalham para isso. Com relação à venda foi possível perceber que tal atividade é alocada em sua maioria para os homens, visto que em apenas um dos pontos o casal estava vendendo e a mulher afirmou estar sempre presente e atuante⁴. Em outros tipos de serviço, por exemplo, em eventos organizados pela Central do Cerrado ou no curso Educamp da UnB, elas trabalham e recebem por conta própria. Com relação à remuneração, tudo indica que de início foi ausente, visto que o dinheiro era direcionado para que eles/as conseguissem quitar o veículo, e depois passou a ficar com elas. Atualmente, uma assentada (entrevistada em

² Segundo ela, é comum que as outras esposas participem também das reuniões do GVP.

³ Nesses casos, segundo entrevistadas, é comum serem chamadas pessoas jovens, por exemplo filhos e filhas, para trabalharem.

⁴ Em um dos outros três pontos, a presença da mulher é recorrente, nos outros não.

20/05/2011), filha de membros dos GSC e GVP, demonstra interesse em fazer graduação em nutrição, segundo ela, a partir de experiências advindas da atuação nas atividades do GSC, enquanto não-membro. Ela participou neste ano do trabalho no *campus* de Planaltina e afirma colaborar também na produção para o ponto de comercialização, em conjunto com sua mãe.

Todos/as entrevistados/as salientaram a relevância das mulheres nos processos de aumento na renda dentro das famílias e para elas mesmas. Um entrevistado (em 19/02/2011), afirmou ser de extrema importância a maior participação delas dentro das famílias, nos grupos e na associação, exemplificando essa situação a partir do fato de, dessa forma, elas passarem a estar aptas a receber qualquer visitante do assentamento, dando informações precisas sobre o mesmo e sobre os grupos. Segundo ele, isso representa um avanço para a divulgação dos grupos e para a ampliação de sua atuação, bem como uma melhoria interna, na medida em que as pessoas estão capacitadas para isso e legitimadas para falarem e participarem melhor nas tomadas de decisão dos grupos.

Cabe apontar as principais conclusões da pesquisa:

A relação entre os dois grupos é bastante complexa, sendo questionável a classificação dos grupos enquanto “das mulheres” e “dos homens” quando se quer pensar na execução de atividades e divisão de tarefas e do trabalho, as quais muitas vezes são feitas por homens e por mulheres do outro grupo ou apenas da própria família, numa determinação não exclusivamente a partir do sexo da pessoa. Apesar disso, pode-se perceber que essa divisão por sexos contribui de certa forma para a organização interna dos dois grupos e entre eles e que o fato de haver um grupo “de mulheres” impulsiona a construção da autonomia dessas mulheres, tanto por elas passarem mais momentos juntas e terem espaço para socializarem as dificuldades e as possíveis soluções para elas quanto por terem passado a ocupar espaços antes não ocupados, como reuniões da Associação e eventos como os da Central do Cerrado, para os quais elas trabalham.

Tudo indica que a afirmação de Paulilo (2000) de que o trabalho remunerado é fundamental por fazer com que as mulheres sejam mais independentes dos maridos e mais participantes nas decisões que envolvem tanto o grupo doméstico como a sociedade mais ampla se confirma no Colônia, no que se refere às mulheres do Sabor do Cerrado, e, além disso, que foi fundamental também a participação de duas pessoas assentadas em um curso da UnB, relacionado a questões agroecológicas e de sustentabilidade, para a promoção dessa situação.

- Atualmente existe uma perspectiva de aumento da produção e do trabalho por parte de ambos os grupos e, nesse sentido, a fundação da cooperativa COOPAFAMA⁵ em outubro de 2010 – composta pelo GSC e pelo GVP – representa uma iniciativa fundamental, visto que do ponto de vista jurídico/institucional, nenhum dos grupos está formalizado e isso dificulta o alcance a algumas possibilidades de clientela – uma delas é o fornecimento de alimentos produzidos pelo GSC às escolas da rede pública do DF, no âmbito do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), ambição relatada por grande parte das e dos entrevistadas/os.

⁵ Cooperativa dos Agricultores Familiares Agroecológicos do Projeto de Assentamento Colônia I e Região (COOPAFAMA).

- Existem diversas mediações entre os grupos, as instituições e as/os consumidores/as, as quais têm papel importante na divulgação dos mesmos e no impulsionamento da ampliação das atividades e das possibilidades para eles, a exemplo da Central do Cerrado⁶ e do Movimento Slow Food⁷.

Agradecimentos

Esta pesquisa foi financiada pelo Programa Universidade e Comunidades no Cerrado/Unicom do Instituto Sociedade População e Natureza/ISPN e orientada por Karenina Vieira Andrade do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília.

Bibliografia Citada

PAULILO, Maria Ignez S. Movimento de Mulheres Agricultoras: Terra e Matrimônio. Algumas questões de Gênero na Agricultura Familiar. **Cadernos de Pesquisa**, nº 21, junho 2000.

SILIPRANDI, Emma. O que se pensa, o que se faz, o que se diz: discursos sobre as mulheres rurais. **Educação em Debate**, v.2, n 44, p 106-110, 2002.

JACINTHO, Cláudio Rocha dos Santos. A agroecologia, a permacultura e o paradigma ecológico na extensão rural: uma experiência no assentamento colônia I – Padre Bernardo – Goiás. 2007. 178 f., il. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável)-Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

⁶ É uma iniciativa sem fins lucrativos estabelecida com [35 organizações comunitárias](http://www.centraldocerrado.org.br/) que desenvolvem atividades produtivas a partir do uso sustentável da biodiversidade do Cerrado. Funciona como uma ponte entre produtores comunitários e consumidores, oferecendo [produtos](#) como: pequi, baru, farinha de jatobá, farinha de babaçu, buriti, mel, polpas de frutas, artesanatos, dentre outros, que são coletados e processados por agricultores familiares e comunidades tradicionais no Cerrado. (<http://www.centraldocerrado.org.br/>)

⁷ O Slow Food é uma organização internacional, mantida por seus associados e que criou e desenvolve uma série de ações e entidades estruturais que colaboram na implantação de seus projetos. O objetivo dessa organização é, em linhas gerais, de promover uma maior apreciação da comida, melhorar a qualidade das refeições e uma produção que valorize o produto, o/a produtor/a e o meio ambiente. (<http://www.slowfoodbrasil.com/>)